

## Revista *A Semana*: uma publicação ilustrada e satírica na Belém do final do século XIX<sup>1</sup>

Netília Silva dos Anjos SEIXAS<sup>2</sup>  
Leonardo Santana dos Santos RODRIGUES<sup>3</sup>

### Resumo:

Este artigo buscou observar a revista satírica e ilustrada paraense *A Semana*, publicada em Belém, Pará, em 1889 e 1890, no que diz respeito à cena política e cotidiana regional da época, percebendo valores e ideias que circulavam na imprensa. Aspectos referentes à configuração gráfica da revista também são analisados, observando a disposição das imagens e dos conteúdos, incluindo uma abordagem inicial da transição entre a Monarquia e a República. O *corpus* da pesquisa é composto por 16 edições de *A Semana*, correspondentes ao terceiro e quarto ano de publicação. O acervo faz parte da Coleção Vicente Salles, do Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA).

### Palavras-chave:

Revistas paraenses. *A Semana*. História da imprensa no Pará.

## *A Semana* magazine: a satirical and illustrated publication in Belém at the end of 19th century

### Abstract:

This article aims to observe the satirical and illustrated magazine *A Semana*, published in Belém, Pará, in 1889 and 1890, concerning the regional political scene and the daily life of the time, perceiving the values and ideals that circulated on the press. We also analyze aspects referring to the magazine's graphic configuration and the arrangement of its image and content, including an initial approach on the transition from Monarchy to Republic in Brazil. The corpus of the research is composed of 16 issues of *A Semana*, encompassing the third and fourth year of its publication. The collection is available at Coleção Vicente Salles, which belongs to Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA).

### Keywords:

Pará magazines. *A Semana*; History of the Pará's press.

## Revista *A Semana*: una publicación satírica y ilustrada en Belém al final del siglo XIX

### Resumen:

Este estudio pretende observar la revista satírica y ilustrada *A Semana*, publicada en Belém, Pará, en 1889 y 1890 con respecto a la escena política y cotidiana regional de la época, percibiendo valores e ideas que circulaban en la prensa. Los aspectos relativos a la configuración gráfica de la revista también serán analizados, observando la disposición de las imágenes y contenidos, incluyendo una primera aproximación a la transición entre la Monarquía y la República en Brasil. El corpus de la investigación se compone de 16 ediciones de *A Semana* correspondiente al tercer y cuarto año de la publicación. La colección es parte de la Coleção Vicente Salles, disponible en el Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA).

### Palabras clave:

<sup>1</sup>O artigo é ligado ao projeto de pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet e ao grupo de pesquisa História da Mídia na Amazônia (Mídiam).

<sup>2</sup>Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, coordenadora do projeto de pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet e líder do grupo de pesquisa História da Mídia na Amazônia (Mídiam), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: netilia@uol.com.br, netiliaseixas@gmail.com

<sup>3</sup>Estudante do Curso de Comunicação Social–Jornalismo da Universidade Federal do Pará e bolsista PIBIC do Programa Especial de Apoio a Projetos de Pesquisa–Acervos da UFPA (PE-Acervos), Edital 04/2015. E-mail: leonardosarodrigues@gmail.com.

Revistas de Pará. A Semana. História de imprensa de Pará.

## INTRODUÇÃO

Os estudos para este artigo tiveram como ponto de partida a proposta de observar como a revista paraense *A Semana*, impressa em Belém, em 1889 e 1890, abordou o momento social e político regional por ocasião do fim da Monarquia e da proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889. Ao mesmo tempo, foi uma oportunidade para observar a configuração de uma revista importante no cenário da imprensa paraense e amazônica no final do século XIX, com a exploração da ilustração como recurso enunciativo.

A revista é um importante registro da cena cotidiana e política paraense no momento de transição entre a Monarquia e a República, por defender a causa republicana e abolicionista, desfazendo a ideia de que esses pensamentos não tinham ressonância no Norte do País, como Emília Viotti da Costa, citando o historiador Nelson Werneck Sodré, aponta:

Enquanto em São Paulo o movimento republicano ganhava importância relativa controlando um quarto do eleitorado, no Norte ele encontrava escassa ressonância, pois não só faltava, nessas regiões, a classe média, que nas cidades do Sul constituíam o grosso da massa republicana idealista, como os senhores da terra se confundiam com a própria Monarquia e não tinham, portanto, nenhum interesse em ser republicanos. (COSTA, 2007, p. 440).

149

Também discutimos as funções da imagem na revista, dando atenção à sua articulação com o texto, recorrendo a autores que tratam de análise enunciativa (VÉRON, 2004) e acontecimento jornalístico (RODRIGUES, 1993). O acervo consultado está disponível na coleção Vicente Salles, do Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), em versão impressa e digitalizada. Analisamos todas as dezesseis edições da revista *A Semana* da coleção, correspondentes à segunda fase da publicação, dos anos III e IV, quando já havia mudado de proprietário.

### **A revista *A Semana Ilustrada*/A *Semana***

Até a década de 1870, a publicação de imagens na imprensa paraense era limitada. A impressão litográfica chegou com certo atraso em Belém, apenas em 1871, por iniciativa do alemão Hans-Karl (Carlos) Wiegandt (SALLES, 1992a, p.12). Enquanto no Rio de Janeiro as revistas de caricatura começaram a despontar a partir dos



anos de 1840 (LUSTOSA, 2009, p. 37), em Belém, o gênero se desenvolveu timidamente. De acordo com Vicente Salles (1992b, p. 13), antes da década de 1870, “havia tentativas de expressão caricatural, em folhas noticiosas, ou mesmo em pasquins, por meio de raríssimas xilogravuras. Tais desenhos, em madeira, não chegam, contudo, a exprimir o caricatre, constituindo toscas tentativas de figuração”.

Em sua oficina, Wiegandt foi responsável por formar toda uma geração de artistas e ilustradores, que depois atuariam na imprensa, entre os quais o pernambucano Crispim do Amaral e João Archibald Campbell (SALLES, 1992a, p. 12). Crispim do Amaral foi o criador da revista *A Semana Ilustrada* e responsável por administrá-la, juntamente com o irmão, Manuel, no que pode ser chamada de primeira fase (SALLES, 1992c, p.12), correspondente aos anos I e II, com 50 edições. O primeiro número de *A Semana Ilustrada* foi publicado em 04 de julho de 1887 e o último, em 23 de julho de 1888.

Nos números finais, *A Semana Ilustrada* enfrentou problemas, e as instalações onde era impressa foram adquiridas por João Archibald Campbell, que encurtou o nome da revista para *A Semana*, mas manteve a sua periodização (SALLES, 1992d, p. 11), dando-lhe uma orientação mais explícita em defesa da República, o que não era tão evidente na primeira fase da publicação. Com o nome de *A Semana* foram publicadas 16 edições, das quais oito saíram de 29 de abril a 17 de junho de 1889 (ano III), e as outras oito de 24 de fevereiro a 14 de abril de 1890 (ano IV), quando cessou definitivamente a edição. Nesse novo período, teve, portanto, uma segunda interrupção na circulação, dessa vez, de oito meses.

De raízes escocesas, Campbell nasceu em Belém em 1840 e teve atuação destacada na causa republicana, tendo sido um dos fundadores do Club Republicano na capital em 1886 (SALLES, 1992d, p. 11). De acordo com Salles, o caricaturista formou-se em um meio jornalístico combativo, “empenhando-se nas campanhas da reforma social e política, na abolição da escravatura e na propaganda republicana” e “foi um dos pioneiros na ilustração na imprensa do Pará” (SALLES, 1992d, p. 11).

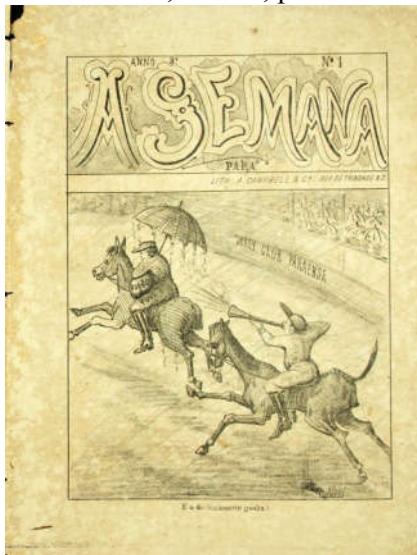
Campbell lançou vários periódicos que tiveram pouco sucesso financeiro. O mesmo aconteceu com a revista *A Semana*, apesar de suas qualidades artísticas e do humor inteligente, que não apelava “para os insultos costumeiros na literatura dos pasquins de época, a crítica ferina e maliciosa” (SALLES, 1992d, p. 11), conservando uma “linha serena em que a imaginação supera a mediocridade dos costumes”



(SALLES, 1992d, p. 11).

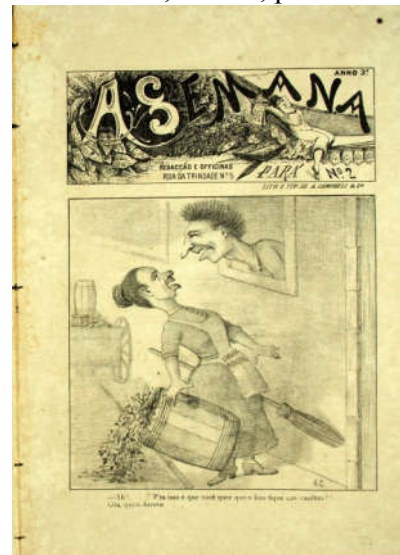
Após ser adquirida e ter o nome encurtado, *A Semana* passou a ser impressa na litografia e tipografia de A. Campbell, com oito páginas e duas colunas, separadas por um fio. A precariedade no processo de impressão impunha um padrão gráfico rígido, no qual a possibilidade de integrar texto e imagem era limitada. Em todas as edições, a capa, a contracapa e as páginas centrais eram dedicadas às ilustrações, e o restante, aos textos. No número um do ano III, de 29 de abril de 1889, estampava uma composição para o nome, que mudou a partir da edição seguinte, de 06 de maio de 1889, e manteve-se assim até o fim (figuras 1 e 2).

Figura 1 – Revista *A Semana*, 29 abr. 1889, ano III, p. 1



Fonte: Museu da UFPA, Coleção Vicente Salles

Figura 2 – Revista *A Semana*, 06 maio 1889, ano III, p. 1



Fonte: Museu da UFPA, Coleção Vicente Salles

A revista saía às segundas-feiras, vendida a 200 réis. Alguém poderia se perguntar se uma revista que circulou por tão pouco tempo teve algum tipo de impacto na vida social e política de Belém; algumas pistas nos indicam que sim.

Quando voltou a ser publicada em 24 de fevereiro de 1890, no quarto ano e após o segundo período fora de circulação, *A Semana* recebeu elogios de jornais locais, uma prova de que tinha certa relevância, a ponto de não passar despercebida. O *Diário do Gram-Pará*, por exemplo, dá os parabéns “ao colega pela sua reaparição” e diz que a revista “embora empunhe as armas da crítica, não descarrega, porém, os golpes

pesados da clava: adopta o sistema *ridendo castigat mores*<sup>4</sup> (A SEMANA, 03 mar. 1890, p. 7).

Os meses em que a revista deixou de ser publicada não parecem tê-la retirado da cena impressa local. O certo é que a reação à revista *A Semana* não era de indiferença, como mostra a nota chamada “Gatunos Desavergonhados”, que fala sobre as represálias sofridas pelo periódico por conta de uma charge:

Talvez por termos estampado, em nosso número passado, aquela *tétéia*, que representava a camara a filar barricadas, os lixeiros tomaram o pião á unha e só na semana que findou carregaram elles com duas d’ellas, cá da porta da officina. E’ um descaro descomunal, que muito depõe contra os creditos da edilidade. Pois agora, srs. larapios, hão de juntar o lixo na calha da rua; e, se não quizerem dar-se a esse trabalho, podem tambem deixal-o ficar. (A SEMANA, 13 maio 1889, p. 2).

As edições de *A Semana* também foram comentadas brevemente pelo jornal *A República* na seção “Vozes da Imprensa”, mostrando que não estava fora da vida social de Belém. Mas a importância da revista vai além do alcance que tinha na época, também é um marco na história da caricatura no Pará.

Resta dizer ainda que a imprensa na capital paraense no final do século XIX tinha uma atuação expressiva. O número de periódicos que surgiram nessa época – 281 nas décadas de 1881 e 1891 (BRÍGIDA; SEIXAS, 2012, p. 10) – chega a impressionar, ainda mais se considerarmos que a cidade tinha cerca de 50 mil habitantes em 1890 (SARGES, 2010, p. 80), muitos dos quais com baixa ou nenhuma escolaridade. Como observa o jornalista e historiador Carlos Rocque, “a imprensa ter tanta vida, tanta influência em uma cidade pequena como a nossa, pobre, isolada dos grandes centros, quase sem escolas, com uma população iletrada, reduzidíssima, é, sem dúvida, motivo de surpresa” (ROCQUE, 2001, p. 65).

A questão sobre o público a quem esses periódicos se destinavam intriga, mas não podemos deixar de considerar o contexto da época, em que a imprensa era o único meio de comunicação massivo e a lógica de produção era diferente. Para Luca, em grande parte da imprensa brasileira no século XIX, “os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas” (LUCA 2008, p. 133-134). A característica mais marcante era “o caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público” (LUCA, 2008, p.133).

<sup>4</sup> “Rindo se castigam os costumes”, em tradução do latim.



Nesse sentido, *A Semana* não era muito diferente de outros periódicos da época: era carregada de ironias em suas ilustrações e textos; dava largo espaço à política, retratando as intrigas nesse campo e defendendo as causas abolicionistas e republicanas; e atuava como fiscalizadora das ações do governo municipal.

### **Imagem: oportunidade de negócios e distração**

Havia poucas opções de divertimento em uma cidade como a Belém do final do século XIX. Entre elas, estavam o Theatro da Paz e o Largo da Pólvora (atual Praça da República), no centro da cidade. Essa queixa é expressa em uma nota publicada em 17 de março de 1890 por *A Semana*, em que se pede ao governador a construção de um jardim no Largo da Pólvora porque “o povo vive manhoso, sem gosto para nada, porque não tem onde divertir-se” (A SEMANA, 17 mar. 1890, p. 3). As imagens poderiam ser, então, uma forma de entreter e aliviar o tédio.

*A Semana* também as usava como forma de dar visibilidade a negócios locais, como se observa em uma nota chamada “Aos nossos freguezes”, publicada na edição de 03 de junho de 1889, na qual a revista informa que irá publicar “[...] em sua parte artística, grátis, toda a chapa gravada que tiver em seu poder, para o que chama atenção dos srs. anunciantes” e reconhece que os anúncios ilustrados são “um meio excelente de fazer reclame”, julgando “ter prestado um serviço aos nossos freguezes com este procedimento” (A SEMANA, 03 jun. 1889, p. 6).

A oferta parece não ter empolgado muito os clientes. Entre 1889 e 1890, a revista publicou apenas três anúncios ilustrados, sempre dividindo espaço com as charges: um de uma perfumaria, outro de uma joalheria, e mais um de uma fábrica de refrigerantes. Ainda assim, pode-se perceber uma sociedade na qual as imagens tornam-se cada vez mais presentes, assumindo várias funções.

Quanto à articulação entre imagem e texto, observamos que as ilustrações da capa nem sempre condiziam com o principal assunto discutido na revista. Às vezes, esse espaço era usado como deferência a alguma personalidade, seja da classe política ou artística, mas as páginas internas davam destaque a outros assuntos. É o caso da edição de 31 de março de 1890, que traz na capa um desenho de *Mademoiselle* Lotto Davene, artista de uma companhia de circo que estava se apresentando em Belém. No interior da revista, há apenas uma pequena nota falando sobre a artista.

Algumas charges de página dupla compunham narrativas à parte, com uma

ordem interna tão inusitada quanto hilariante, e hilariante porque inusitada. É o caso da sequência de quadros presente nas páginas centrais da edição de 17 de março de 1890 (Figura 3), nos quais a revista relaciona, por exemplo, os mosquitos da erisipela com a “praga de adesões, que caiu sobre a pobre Republica...” (A SEMANA, 17 mar. 1890, p. 5).

Figura 3 – Revista *A Semana*, 17 mar. 1890, ano IV, p. 4-5



Fonte: Coleção Vicente Salles, Museu da UFPA

A criatividade do chargista parece não ter limites, satirizando desde o cientista que anunciara a descoberta do “micróbio” da erisipela até a Igreja das Mercês, que fora convertida em “azilo de catraieiros [tripulantes de pequenas embarcações]” (A SEMANA, 17 mar. 1890, p. 4). As legendas garantem a coesão dos quadros, uma função que Roland Barthes chamou de *relais*, na qual

[...] a palavra (na maioria das vezes um trecho de diálogo) e a imagem têm uma relação de complementaridade: as palavras são, então, fragmentos de um sintagma mais geral, assim como as imagens, e a unidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese. (BARTHES, 1990, p. 33-34).

Em contraste à “transparência” de certas imagens, encontramos casos de verdadeira opacidade, nos quais as ilustrações não chegavam a se articular com o conteúdo da revista, algo que ocorria também nos jornais publicados em Belém. Nesse grupo, a ocorrência que mais se destaca é a de uma ilustração sobre um caso de estupro, publicada na contracapa da edição de 03 de março de 1890. No desenho, um pai assedia a própria filha em uma floresta. Não há na revista qualquer outra menção ao ocorrido, a não ser nessa página. As únicas informações sobre o caso aparecem na legenda, com a

tipificação do crime, o município onde ocorreu e o nome do pai envolvido (A SEMANA, 03 mar. 1890, p. 8).

Podemos nos perguntar qual o interesse da revista em publicar uma imagem tão “pesada”, ainda mais por tratar-se de um crime ocorrido em um município do interior, longe de Belém. Seria uma denúncia contra outros casos de estupro? Seria uma ocorrência tão fora do comum que publicá-la era algo “inevitável”? Seria uma forma velada de a revista marcar o seu posicionamento em relação a tal prática?

A preocupação da revista com esse tema já havia aparecido antes em uma nota na qual um colunista denuncia a tentativa de acobertar um caso de estupro: “Porque rasão certo órgão da imprensa não quiz pôr o pontos nos iis, à respeito do defloramento de uma menor, dado à bordo do vapor Mauá? Que typões... independentes!...” (A SEMANA, 20 maio 1889, p. 7).

Para Adriano Duarte Rodrigues, o acontecimento jornalístico situa-se “algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização” (RODRIGUES, 1993, p. 27). O autor (1993, p. 28) também identifica três componentes que tornam um acontecimento notável: o excesso, quando um juiz aplica a pena máxima, por exemplo; a falha, caso em que há algum defeito no funcionamento de uma instituição ou alguma pessoa se comporta de forma diferente da esperada; e a inversão, caso da imagem citada mais acima, em que um pai pratica o incesto, atentando contra os valores morais na sociedade.

Percebe-se também na ilustração que retrata o caso de estupro o contraste entre o ambiente idílico da floresta e a brutalidade da cena retratada, o que parece estar em conformidade com o imaginário que se criou sobre a região amazônica, que ora é vista como um paraíso, ora como um inferno verde.

A Amazônia é percebida por quem a contempla como uma grandeza pura: é grande, é enorme, é terra-do-sem-fim. Sua concepção está associada geralmente a outros qualificativos: rica, incomparável, bela misteriosas, inferno, paraíso. Algo que, embora próximo, está distante, como um outro mundo. (LOUREIRO, 2001, p. 103).

A opacidade dessa imagem pode ser característica do contrato de leitura da revista, talvez pressupondo a familiaridade do público com certos temas, não sendo necessário explicá-los. Ao fazer essa opção, *A Semana* limitava-se a publicar as ilustrações, explorando esse recurso de modo a ampliar a noção sobre o acontecimento, mas não se preocupava em relatá-lo de novo. Assim como os sentidos de algumas





caricaturas não eram totalmente explicitados, exigindo o conhecimento do público para desvelá-los, o sentido de algumas imagens mais documentais permanecia subtendido, como se a revista contasse com a memória do público, formada nas vivências diárias e na leitura de outros periódicos. *A Semana* também dava mais espaço a conteúdos opinativos do que factuais, o que pode indicar que estava mais interessada em comentar, observar do que em informar ou narrar tal qual um jornal diário.

Para Eliseo Verón (2005, p. 217-218), todo discurso pressupõe um enunciador (a imagem de quem fala) e um destinatário (a imagem daquele a quem o discurso se destina). É dessa relação que surge o contrato de leitura, que estabelece o vínculo entre o leitor e o suporte, fazendo com que a leitura tenha certa estabilidade. O que interessa não é tanto o que é dito, mas o modo como é dito. Em outras palavras, a enunciação mais do que o enunciado. O que faz com que revistas destinadas ao mesmo público sejam diferentes? Os dispositivos de enunciação, a forma como a revista dispõe e organiza seus conteúdos, as escolhas que faz para apresentá-los e a imagem que constrói do leitor (VERÓN, 2005, p. 216-217).

A opacidade ou transparência de um discurso se define a partir dos saberes atribuídos pelo enunciador ao destinatário (VERÓN, 2005, p. 233), permitindo-lhe dizer ou mostrar algo sem muitas explicações, conforme o conhecimento partilhado entre ambos. É o que se vê em algumas edições de *A Semana*, como nas ilustrações sobre uma ocorrência de homicídio e sobre a queda do teto do Theatro da Paz.

O caso de homicídio, publicado na página sete da edição de 20 de maio de 1889, era a reprodução de um pequeno texto do jornal *A Província do Pará*, informando onde o crime ocorreu e quem foi o responsável, mas sem dizer quais foram as motivações ou se houve alguma punição. O fato de a revista republicar um trecho de outro jornal pode ter algumas explicações, uma delas, indicar que não estava preocupada em acrescentar mais detalhes ao acontecimento ou a aprofundá-lo, mas agir como uma linha auxiliar ou paralela aos jornais, usando a imagem para agregar valor ao noticiário.

Já na edição de 07 de abril de 1890, *A Semana* mostra em suas páginas centrais o desabamento do teto do Theatro da Paz, em Belém, sem remeter-se ao ocorrido em outra parte da revista. A imagem pareceu funcionar como o relato do acontecimento. Não é por acaso que a ilustração sobre o desabamento foi publicada em página dupla, no sentido vertical, dando mais dramaticidade ao fato e expondo sua dimensão. É possível que esse acontecimento tenha repercutido tanto em Belém e na imprensa que, ao ver a



imagem, o leitor imediatamente identificasse a que se referia.

Nos textos publicados em *A Semana*, a tarefa de opinar ficava a cargo dos cronistas, que muita das vezes nem o assinavam. Nas ilustrações, por sua vez, havia uma personagem-tipo que dava o tom dos humores da publicação, interagindo com acontecimentos e personalidades, sempre acompanhada de um lápis em tamanho humano. Na capa da edição de 07 de abril de 1890 (Figura 4), vemos, por exemplo, a personagem pedindo doações para ajudar as vítimas de uma catástrofe na Bahia, tendo ao fundo casas pegando fogo. A revista não especifica o que é a catástrofe, mas é possível que se trate de um incêndio ocorrido em 04 de março de 1890 em Salvador (SOUSA, p. 25, 2011).

Figura 4 – Revista *A Semana*, 07 abr. 1890, ano IV, p. 4-5



Fonte: Coleção Vicente Salles, Museu da UFPA

A falta de explicação sobre o ocorrido reforça o que foi dito sobre o contrato de leitura de *A Semana*, que primava pela opacidade. Na capa da edição de 07 de abril de 1890, há apenas alguns elementos (as casas incendiadas) que indicam o que pode ter sido a catástrofe, mas não há a visão do todo. A personagem-tipo, como recurso enunciativo, mostra que não se podia esperar da publicação um relato não comprometido.

Percebe-se também que a orientação ideológica da revista é um fator decisivo no peso que um acontecimento teria em suas páginas e na forma como seria abordado, influenciando na disposição das imagens e dos conteúdos. É o que se observa na cobertura da morte de Joaquim José de Assis, um dos fundadores do jornal *A Província*

do Pará<sup>5</sup> e membro do Partido Republicano do Pará. Ao mesmo tempo em que homenageia a trajetória de Assis, *A Semana* enaltece os ideais liberais que o político defendia.

Nessa edição, em 10 de junho de 1889, todas as ilustrações publicadas tinham relação com o ocorrido, compondo uma espécie de narrativa em imagens, procedimento incomum na revista, que sempre apresentava variedade de temas. A cobertura da morte também contou com um extenso perfil, extraído do jornal *A Província do Pará*. O texto ocupou cerca de duas colunas e meia da primeira e segunda página, com tamanho da fonte e espaçamento reduzidos, permitindo um volume maior de informações.

No rodapé da página 05 da mesma edição, somos informados de que uma das ilustrações foi baseada em uma fotografia, procedimento comum na época, em razão das limitações tecnológicas (ANDRADE, 2009, p. 56). Seria, também, uma forma de aproximação com o caráter de factualidade que marca o jornalismo contemporâneo.

### **A transição entre Monarquia e República: as armas do humor em defesa do novo regime**

A tensão que antecedeu o fim da Monarquia é representada em uma charge na edição de 20 de maio de 1889, na qual vemos os estudantes da Escola Polytechnica (RJ) expulsando a pontapés o esposo da princesa Isabel, Conde d'Eu. Diz a legenda: “Bom signal! Quando a estudantada, republicana desde os pés até a cabeça, toma a resolução de vaiar o Conde d'Eu é signal certo de que a monarchia tem os seus dias contados. Vamos devagar, é verdade, mas chegaremos ao fim, com a graça de Deus!...”. O humor da charge reside na posição frágil e indefesa do conde. Na página seguinte, *A Semana* ameniza o tom, ainda que continue a celebrar o fato:

Nós sempre queremos crêr que os alunos não seriam capazes de tamanha ousadia, somente para terem o gostinho de divertir-se um pouco. Em todo caso, uma tremenda vaia [...] significa, clara e positivamente, que passaram-se os bellos tempos em que a monarchia, qual outro *tutú*, mettia medo nas crianças. (A SEMANA, 20 maio 1889, p. 2).

Num artigo chamado “Tudo Tomba”, publicado em 17 de junho de 1889, a revista critica as arbitrariedades de D. Pedro II e a deposição do ministro João Alfredo,

<sup>5</sup>*A Província do Pará* (1876-2002) foi o mais duradouro jornal do Pará e, possivelmente, da Amazônia brasileira, mesmo considerando os quatro períodos em que deixou de circular, quando foi incendiada e por motivos administrativos e financeiros (SEIXAS, 2014). Integrou, a partir de 1947, a cadeia dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

que fora responsável por conduzir a votação da Lei Áurea. “Se os deputados forem despedidos por um decreto firmado pelo sr. D. Pedro II, esse acto será a maior affronta lançada ao eleitorado brasileiro” (A SEMANA, 17 jun. 1889, p. 2). Mais abaixo, a revista sugere que o imperador não tinha mais capacidade de governar: “E’ materia corrente que o imperador está pelo seu medico e que os seus actos são filhos d’uma influencia incompetente” (A SEMANA, 17 jun. 1889, p. 2).

O artigo segue tratando do cenário de insegurança que as decisões arbitrárias de D. Pedro II causavam, apontando nomes que ainda poderiam “tombar” no governo. E mobiliza os leitores contra a Monarquia: “Esforcemos-nos, portanto, para mudar o systema, e poderemos chegar á verdadeira senda da liberdade” (A SEMANA, 17 jun. 1889, p. 2).

Em certos momentos, *A Semana* lança observações perspicazes sobre o mundo político. É nesses termos que a revista define o fisiologismo dos partidos considerados liberais e conservadores, mais alinhados com o Império:

Os conservadores andam frios e assustados; os liberaes, lampeiros; verdade é que, se houver mudança, ella será tão somente no rotulo, porque cabeça e estomago conservador é o mesmo que cabeça e estomago dos liberaes; ambos nasceram no Brasil e cresceram no mesmo clima. (A SEMANA, 27 maio 1889, p. 6).

O trecho acima nos mostra como a atuação dos partidos políticos durante o Império era percebida por *A Semana*, que assinalava a falta de um programa e uma ideologia sólidos e a mudança de opinião ao sabor dos interesses, não sendo possível distinguir um partido do outro. Também fica evidente a posição da revista em favor do republicanismo, que pregaria um modo distinto da política vigente.

Apesar dessa orientação, *A Semana* não chega a discutir as implicações da proclamação da República ou de como se deu esse processo, nem questiona quem eram os interessados ou envolvidos. No trecho abaixo, a revista celebra o fim da escravidão e da Monarquia, exaltando as figuras de João Alfredo e do marechal Deodoro da Fonseca, este, primeiro presidente do Brasil, atribuindo a eles a responsabilidade pelas mudanças, como se fossem heróis.

Se João Alfredo, arcando com ataques brutaes do escravismo, conseguiu arrancar do captivo uma raça inteira; Deodoro da Fonseca, arrostando as fúrias de uma monarchia estragada, teve igual ou maior gloria, a de redimir a patria inteira, proclamando ao lado do povo, o GOVERNO DA LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE!. (A SEMANA, 10 mar. 1890, p. 2).

Em um editorial de 24 de fevereiro de 1890, a revista adota uma posição diferente, convidando os leitores a refletir sobre as mudanças na política. Termina o texto de forma inconclusa, deixando ao público fazer as próprias ponderações.

É justo que saudemos a aurora republicana, que raiou no meio das mais ruidosas ovações, e indaguemos se a republica trouxe, realmente, a felicidade que almejávamos. O povo vive mais satisfeito? Acabou-se a influencia partidaria? Foram-se bem pra longe os privilegios odiosos? [...] Está-se procedendo seriamente, sem as fanfarronadas d'outr'ora? Ahi ficam as nossas interrogações, e o povo, que tudo observa, que responda conscienciosamente. (A SEMANA, 24 fev. 1890, p. 2).

Algumas das charges adotavam um posicionamento mais crítico em relação aos desdobramentos do Quinze de Novembro. Duas delas abordam o jogo de forças que teve início após a proclamação da República, momento em que os partidos políticos começaram a disputar o poder e decidir os rumos do país.

Na edição de 24 de março de 1890 (Figura 5), em charge de página dupla (páginas quatro e cinco), *A Semana* representa a conjuntura política do país com cenas de um circo, em que os políticos são os protagonistas. A República, no entanto, parece estar imune aos conchavos, como expressa a legenda que acompanha cada ilustração:

A Republica, como vive n'um mar de rosas, vae trabalhando admiravelmente no seu cavallo pur sang. O partido democrata, julgando-se bom gymnastico, atira-se de tamanha altura, sem lembrar-se de que pode torcer o pescoço! O clown, apesar de gordo, faz exercícius para alcançar a última cadeira. No grande torneio dos velocipedistas, todos correm atraz do côco, mas não o apanham... (A SEMANA, 24 mar. 1890, p. 4-5).

Figura 5 – Revista *A Semana*, 24 mar. 1890, ano IV, p. 4-5



Fonte: Coleção Vicente Salles, Museu da UFPA



A revista segue com as ironias e insinuações. É possível identificar, nesse e em outros casos, sinais da lógica do entretenimento e do espetáculo aplicadas à política, o que ganharia contornos mais fortes posteriormente, com o advento de outros meios de comunicação, como a televisão.

Para Wilson Gomes (2004), o enquadramento que a mídia faz da política assemelha-se à estrutura de um drama, identificando, no geral, os políticos como mal intencionados, interessada em revelar escândalos e contar histórias como se fosse um folhetim, com suas reviravoltas e conflitos inerentes. Tudo isso para capturar a atenção do público, deixando de lado um debate verdadeiro.

Dependendo da posição do jornal, o governo ou a oposição podem assumir o papel de protagonistas. Caso nenhum deles seja apto, o próprio jornal se coloca nesse lugar, como afirma Gomes:

O jornalismo político adora a retórica da terceira posição, ocupada convenientemente pelo jornalista, claro. Essa figura do discurso é representada na narrativa pela voz do narrador-jornalista, que apresenta ambos os contendedores como equivocados, cegos, estúpidos ou mal-intencionados, ao passo que ele, o jornalista, veraz, lúcido, perspicaz e de boa-fé usaria a sua boa justiça para identificar paternalmente para o seu público o engano universal que nessa contenda se processa. (GOMES, 2004, p. 348).

Tal caráter é fruto de um esforço de legitimação que vem desde as revoluções burguesas do século XVII, em que o jornalismo “afirma a sua vinculação à esfera civil, cujos interesses representaria, ao mesmo tempo em que sustenta a esfera da política, objeto de sua vigilância, sempre em nome do interesse público” (GOMES, 2004, p. 343).

Essa característica apontada por Gomes (2004) fica evidente quando *A Semana* se coloca ao lado dos interesses do povo. Por duas edições seguidas (17 e 24 de março de 1890), a revista publica um editorial chamado “Os vagabundos”, sinal de que a criminalidade em Belém estava se tornando preocupante. As principais críticas são feitas à inércia da polícia. Não faltam menções à “capoeiragem”, que naquela época era associada ao crime. A revista pede ao Estado “energia, muita energia com esses desordeiros”, dando “uma ocupação, um destino qualquer ao vadio, que dorme de dia e vagueia à noite” e põe em “risco à vida dos pacíficos cidadãos” (A SEMANA, 24 mar. 1890, p. 2). É explícita a distinção que *A Semana* faz entre os cidadãos e os



vagabundos, que parecem estar à margem da sociedade.

As principais críticas aos rumos da República se referem a questões locais. Na edição de 24 de março de 1890, a revista traz um artigo sobre o novo regulamento sanitário, “que obriga as prostitutas matriculadas á uma vestoria no hospital da caridade, pagando a prostituição determinada taxa, que tende a desaparecer nos fundos bolços dos medicos sem clinica” (A SEMANA, 24 mar. 1890, p. 3). Caso as prostitutas não quisessem realizar o exame de sífilis, deveriam pagar uma multa de 15 mil réis o que, segundo o artigo, foi o que a maioria delas decidiu fazer, criando uma forma legal de explorar a prostituição.

O texto critica ainda a desigualdade na aplicação da lei, que vale para uns, mas não para todos. “Estudando a questão unicamente pelo lado sanitario, como é que, tratando-se da syphilis, julga-se somente a mulher nas condições de inficionamento? Que patada deu aqui a medicina! E o homem, em que redoma estará elle metido, com todas as suas mazelas?” (A SEMANA, 24 mar. 1890, p. 3). Ao final, a revista convida as mulheres a protestarem “contra o defeito e exclusivismo de lei. Ou salta um novo regulamento para os homens ou a coisa não fica direita” (A SEMANA, 24 mar. 1890, p. 3). Incomum para os padrões da revista, o artigo ocupa duas colunas da página três e mais um pedaço da página 6.

### Considerações finais

As imagens eram o principal diferencial da revista *A Semana*, prestando-se ora a um serviço jornalístico, como na cobertura da morte de Joaquim José de Assis, ou servindo de puro entretenimento, como é possível observar em muitas charges. Por meio delas, *A Semana* fazia as suas críticas mais incisivas, talvez porque as imagens sejam mais “fáceis” de ser compreendidas e uma estratégia eficaz para divulgar e representar ideias, provocando, tanto quanto divertindo.

Também observamos que algumas ilustrações, para além do caráter satírico que caracterizava a revista, tinham a função de ampliar a noção sobre um acontecimento, complementando a cobertura dos jornais numa época em que a publicação de imagens na imprensa era restrita. Percebemos ainda que a orientação ideológica da revista era determinante na disposição dos conteúdos e que a fotografia já era utilizada na cobertura de acontecimentos, ainda que fosse copiada pela impressão litográfica, conferindo credibilidade ao enunciador.



Neste artigo, mostramos a atuação da revista paraense *A Semana* em defesa da causa republicana, buscando contribuir, mesmo que de forma singela, para compor um quadro da cena política no Pará num período de grandes transformações no Brasil. Apesar de ser favorável à República, particularmente devido à militância de seu proprietário, João Archibald Campbell, a revista não deixou de satirizar os desdobramentos do novo regime, e no espaço das charges era onde as críticas mais se evidenciavam. Foi possível notar que *A Semana* não apresentava um programa partidário sólido, ancorava-se, em muitos casos, em um vago ideal de liberdade.

Além dos comentários sobre a política local e nacional, *A Semana* falava de cultura e problemas na cidade, como o policiamento e a conservação do espaço público, e publicava crônicas, poemas satíricos e poesias, exigindo análises que se detenham sobre o cotidiano da época. Quanto à configuração de *A Semana*, observamos que as ilustrações tinham a função de criticar, ironizar, informar, narrar, ampliar a noção sobre um acontecimento e entreter, entre outros aspectos.

Percebemos ainda que *A Semana* se assemelhava, tanto na parte gráfica quanto no conteúdo, a outras revistas do país, como a *Revista Illustrada* do Rio de Janeiro (1876-1898), mostrando que a publicação paraense estava a par do que acontecia na imprensa brasileira. Sob esse ponto de vista, um estudo comparando-a com outras revistas da época também é necessário.

*Submetido em: 01.12.2016*

*Aceito em: 13.04.2017*

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Processos de reprodução e impressão no Brasil, 1808-1930. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p.45-65.

A SEMANA. Belém, ano III, no. 1, p. 1, 29 abr. 1889.

\_\_\_\_\_. Belém, ano III, no. 2, p. 1, 06 maio 1889.

\_\_\_\_\_. Belém, ano III, no. 3, p. 2, 13 maio 1889.

\_\_\_\_\_. Belém, ano III, no. 4, p. 2, 20 maio 1889.

\_\_\_\_\_. Belém, ano III, no 5, p. 6, 27 maio 1889.

- \_\_\_\_\_. Belém, ano III, no. 6, p. 6, 03 jun. 1889.
- \_\_\_\_\_. Belém, ano III, no. 8, p. 2, 17 jun. 1889.
- \_\_\_\_\_. Belém, ano IV, no. 1, p. 2, 24 fev. 1890.
- \_\_\_\_\_. Belém, ano IV, no. 2, p. 7-8, 03 mar. 1890.
- \_\_\_\_\_. Belém, ano IV, no. 3, p. 2, 10 mar. 1890.
- \_\_\_\_\_. Belém, ano IV, no. 4, p. 3-4, 17 mar. 1890.
- \_\_\_\_\_. Belém, ano IV, no. 5, p. 2, 3,4,5, 24 mar. 1890.
- \_\_\_\_\_. Belém, ano IV, no. 6, p. 1, 31 mar. 1890.
- \_\_\_\_\_. Belém, ano IV, no. 7, p. 1, 07 abr. 1890.

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In:\_\_\_\_\_. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 27-43.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraóaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Os jornais paraenses nas décadas das mudanças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais...**São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0367-1.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

COSTA, Emília Viotti da. Sobre as origens da República. In:\_\_\_\_\_. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: UNESP, 2007, p. 387-447.

GOMES, Wilson. *Theatrum Politicum*. In:\_\_\_\_\_. **Transformações na política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 291-356.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p.111-153.

LUSTOSA, Isabel. Imprensa e impressos brasileiros: do surgimento à modernidade. In: CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p. 29-43.

ROCQUE, Carlos. A imprensa de Belém no Império. In:\_\_\_\_\_. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001, p. 63-65.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993, p. 27-32.



SALLES, Vicente. O legado de Carlos Wiegandt. **A Província do Pará**. Belém, 26-27 jun. 1992a, 2º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Pasquinadas Paraenses. **A Província do Pará**. Belém, 26-27 jun. 1992b, 2º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Ainda Crispim do Amaral. **A Província do Pará**. Belém, 16-17 ago. 1992c, 2º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. O humor de Archibald Campbell. **A Província do Pará**. Belém, 16 nov. 1992d, 2º caderno, p.12.

SARGES, Maria de Nazaré. Belém: origens do núcleo urbano. In: \_\_\_\_\_. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1970-1912)**, Belém: Paka-Tatu, 2010, p. 61-87.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Política, justiça e mídia impressa no Pará: disputa de sentidos. In: COLARES, Virgínia. (Org.). **Linguagem e direito: caminhos para Linguística Forense**. São Paulo: Cortez, 2017, p. 99-126.

\_\_\_\_\_. A trajetória da imprensa no Pará: do impresso à internet. Projeto de pesquisa em andamento. Belém: UFPA, 2016.

SOUSA, Ione Celeste Jesus de. **Escolas ao povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia – 1870 a 1890**. 2006. 390f. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

VERÓN, Eliseo. Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita. In: \_\_\_\_\_. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004, p. 215-238.

